

**VALOR 15/04/2008**

## **O que PIB tem em comum com o Natal**



**JOSÉ ELI  
DA VEIGA**

O jornal "Financial Times" estava por fora quando desmereceu e ironizou o apelo do presidente francês Nicolas Sarkozy aos Nobel de economia Joseph Stiglitz e Amartya Sen para que proponham alternativa ao PIB. Não percebeu a ligação do gesto com o movimento desencadeado no final de 2004 em Palermo por representantes de 43 países no fórum "Estatísticas, Conhecimento e Políticas". Nem com os três decorrentes conclaves protagonizados por parceria da OCDE com a Comissão Europeia: "Medindo bem-estar e progresso das sociedades" (Milão, Junho de 2006), "Medindo e fomentando o progresso das sociedades" (Istambul, Junho de 2007), "Além do PIB: medindo progresso, verdadeira riqueza e o bem-estar das nações" (Bruxelas, novembro de 2007, [www.beyond-gdp.eu](http://www.beyond-gdp.eu)).

Os resultados desses quatro eventos sinalizam o amadurecimento de um processo tão antigo quanto o da própria institucionalização do sistema de contas nacionais, hoje adotado pelos 185 países membros do FMI. Os alertas iniciais sobre os perigos do PIB foram feitos justamente por um de seus principais criadores: Simon Kuznets (1901-1981), Nobel 1971. Perigos que só se confirmaram na segunda metade do século XX.

O PIB é uma adição de bens e serviços vendidos e comprados, sem qualquer distinção entre os que são ou não benéficos para a sociedade. Despesas com acidentes, poluição, contaminações tóxicas, criminalidade ou guerras são consideradas tão relevantes quanto investimentos em habitação, educação, saúde, ou transporte público. Nem sequer é computado trabalho doméstico que não seja feito por criadagem remunerada, por não envolver transações monetárias. Muito menos inclui depreciações de recursos naturais. Enfim, como não faz distinções entre o que é produtivo ou destrutivo, ou entre despesas que elevem ou rebaixem a condição humana, o PIB só passa por indicador de progresso para quem nunca

tenha visitado sua cozinha.

Claro, em sua defesa sempre poderá ser dito que não foi inventado para medir progresso, bem-estar ou qualidade de vida, mas tão somente para medir o crescimento econômico, que é meio sem o qual não se atinge tais fins. Mas a armadilha não é desfeita, pois a idéia de riqueza que deu origem ao PIB foi excessivamente influenciada pela atmosfera da II Guerra Mundial. Concepção que logo ficou anacrônica, por só dar importância à produção de mercadorias e ao capital físico. Daí que a única utilidade que talvez ainda lhe reste seja a de permitir comparação entre as produtividades nacionais do trabalho, desde que bens contadas as horas trabalhadas.

---

Como não faz distinções entre o que é produtivo ou destrutivo para sociedade, o PIB só passa por indicador de progresso para quem nunca tenha visitado sua cozinha

---

Tanta obsolescência fez emergir propostas inovadoras, cujo denominador comum é a ambição de impedir que a riqueza continue a ser medida por reles somatória de produtos mercantis. Todavia, por mais que tenham contornado dificuldades técnicas inerentes às rupturas conceituais assumidas, por enquanto nenhuma dessas alternativas se legitimou. Tudo indica, mesmo assim, que o sucessor do PIB sairá de duas abordagens concorrentes.

Por um lado, o Banco Mundial vem se empenhando em operacionalizar o conceito de "poupança genuína" (Genuine Savings - GS). Como pretende medir o estoque de capital gerador de renda, compara a depreciação dos capitais de uma nação a seus investimentos. Não apenas dos produzidos, ou construídos, em sentido estrito, mas também no amplo, que inclui o humano/social e o natural/ecológico. A abordagem decorre da tese de outro Nobel, Sir John Hicks (1904-1989), segundo a qual a renda de uma nação deve refletir a quantidade máxima de bens e serviços que ela pode consumir no presente sem solapar sua capacidade de consumir no futuro idêntica quantidade de bens e serviços. O PIB a superestima, pois só considera a depreciação do capital estrito senso.

O problema é que, além de todas as dificuldades de precificação de grandes partes dos capitais natural/ecológico e humano/social, a GS também esbarra em duas sérias arbitrariedades: assume que as três formas de capital sejam

intercambiáveis e depende da escolha de uma taxa de desconto do futuro. Assim, os primeiros cálculos do Banco Mundial superestimaram as deduções relativas à depleção dos recursos naturais, o que resultou em generalizada subestimação dos valores da GS.

O outro esforço internacional procura operacionalizar o conceito de "progresso genuíno" (Genuine Progress Indicator - GPI), que calcula o bem-estar econômico a partir dos gastos para consumo privado. O cálculo divulgado no início de 2007 pela ONG "Redefining Progress" leva a crer que em 2004 foram destrutivos, em vez de produtivos, algo como 58% da atividade econômica do EUA ([www.rprogress.org](http://www.rprogress.org)).

Mais importante, contudo, foi a confirmação de uma tendência geral: os per capita do GPI e do PIB de países desenvolvidos divergem sistematicamente desde o final da década de 1970, embora tivessem tido evoluções bem paralelas nas três décadas anteriores. Ou seja, vem sendo cada vez mais freqüente que o GPI per capita diminua enquanto aumenta o PIB per capita, fenômeno que levou o economista chileno Manfred Max-Neef a lançar a "hipótese do patamar": até certo estágio da economia o aumento das transações mercantis captadas pelo PIB parece refletir as evoluções da riqueza, do bem-estar ou da qualidade de vida. Depois dele, contudo, o comportamento do PIB não serve de maneira alguma como indicador de progresso material.

Ainda não dá para avaliar qual dessas duas abordagens gerará o barômetro que derrubará o PIB de seu trono imperial. Daí porque que economistas bem informados imitam aqueles adultos sensíveis, incapazes de impedir que criancinhas acreditem que seus presentes de Natal serão entregues por um velho gordo de barbas brancas. É mais fácil deixar que os agentes sociais criem piamente que aumentos do PIB revelam a velocidade em que a nação progride, pois seria muito desgastante tentar estragar-lhes a festa enquanto não se sabe quem será o melhor sucessor do Papai Noel.

**José Eli da Veiga, professor titular do departamento de economia da FEA-USP e pesquisador associado do "Capability & Sustainability Centre" da Universidade de Cambridge, com apoio da Fapesp, escreve mensalmente às terças. Página web: [www.zeeli.pro.br](http://www.zeeli.pro.br)**